

opinião irracionalistas influenciavam a escola filosófica conhecida como neoplatonismo, cujos principais defensores, como Plotino e Porfírio, proclamavam uma cosmologia muito parecida com certos sistemas gnósticos, embora se opusessem decididamente à doutrina gnóstica de que o mundo era mau. Tanto a filosofia acadêmica quanto o ritual mágico podiam combinar-se com a magia prática; e o movimento irracionalista ganhou força nos últimos dias do Império Romano, atingindo o apogeu nos séculos II e III D.C., que viram a compilação dos tratados gnósticos conhecidos como *Corpus Hermeticum* (ver HERMÉTICA). Durante o século IV, a religião cristã tornou-se a religião oficial do Império Romano, e no século VII a Europa Ocidental já aceitara a jurisdição monopolística do Papa em Roma nas questões espirituais. O gnosticismo pode ter continuado a influenciar as cristandades do Oriente, mas na Europa Ocidental as seitas gnósticas foram tachadas de heresias.

O Hino da Pérola

As primeiras notícias do gnosticismo vêm de cristãos preocupados em refutar seus maiores rivais, como o famoso *Adversus haereses*, de Irineu, Bispo de Lyon no final do século II. Isto tem levado a uma visão possivelmente distorcida do que era o gnosticismo. Os padres cristãos o encaravam como uma heresia, antagonista da verdadeira fé. Irineu chegou a derivar todos os sistemas gnósticos — e em consequência toda a heresia — de Simon Magus, citado no Evangelho de São Lucas. Segundo Irineu, Simon Magus era o principal dos trinta discípulos de São João Batista, e assim suas heresias infiltraram-se no cristianismo. Isso apenas mostra a moral de que, no cadinho de idéias religiosas das quais se forjou o cristianismo, houve uma substancial mistura de gnosticismo, presente antes mesmo do nascimento de Cristo, e é bastante certo que havia uma subcorrente de especulação gnóstico-

ocultista no judaísmo, embora, como os rabinos ignoravam a heresia, em vez de denunciá-la, ela atraísse pouca atenção. A verdade é que o gnosticismo não era a distorção do evangelho cristão que os antigos padres faziam seus fiéis acreditarem. Era uma posição filosófica que a Igreja Cristã abandonara, em particular quando se reconciliara com o mundo ao tornar-se uma religião oficial. Havia gnosticismos helenísticos, derivados de raízes neoplatônicas; gnosticismos judaicos, que vinham do ocultismo judeu; gnosticismos cristãos, representando ou distorções da linha partidária oficial, ou elementos rejeitados pela Igreja na purificação de sua doutrina. É inteiramente possível encontrar elementos gnósticos no Novo Testamento, e na verdade — como acreditam alguns ocultistas — pode-se ler as próprias palavras de Jesus de uma maneira gnóstica. Quando as religiões gnósticas foram suplantadas pelo cristianismo, suas doutrinas sobreviveram entre certos grupos de hereges no Ocidente e no esoterismo islâmico no Oriente.

Isso significa que houve grande diversidade entre os vários profetas gnósticos. Como diz Irineu: "Todos os dias algum deles inventa alguma coisa nova." Dificilmente valeria a pena discutir as diferenças entre os vários sistemas, e uma breve descrição do "gnosticismo" deveria limitar-se a mostrar o terreno comum.

A posição básica é expressa no belo "Hino da Pérola", dos apócrifos Atos do Apóstolo Tomé, onde se intitula "Cântico do Apóstolo Judas na Terra dos Indianos". A abertura é reproduzida (no texto original inglês) na tradução de Hans Jonas (250):

"Quando eu era criança e habitava o reino da casa do meu pai, e me deliciava com a riqueza e esplendor dos que me criavam, meus pais me enviaram do Oriente, nossa terra natal, com provisões para a jornada. Das riquezas de nosso tesouro, fizeram-me um fardo: grande era ele, mas leve, de forma que eu podia carregá-lo sozinho...

F. Pessoa

Despiram-me de meu traje de glória, que em seu amor tinham feito para mim, e do meu manto de púrpura que fora tecido para combinar perfeitamente com meu rosto, e fizeram uma aliança comigo, e a esqueceram em meu coração para que eu não a esquecesse: Quando desceres ao Egito e trouxeres a Pérola Única que jaz no meio do oceano cercado pela serpente roncadora, então de novo vestirás teu traje de glória e teu manto por cima, e com teu irmão mais perto de nós em categoria serás herdeiro em nosso reino."

Aí a alma é mostrada partindo do reino celestial, vestindo a impura roupa do corpo físico e descendo ao mundo da matéria. Recebe instruções para a jornada: tem de ir em busca da Pérola Única que está no Egito, protegida pelo mar e a serpente. A Pérola — como na alegoria medieval do mesmo nome — é o título dado à alma para lembrá-la de sua origem divina. As instruções dadas à alma materializada destinam-se a habilitá-la a escapar da prisão do mundo material — o Egito, o mar e a serpente — e recuperar seu lugar de direito na criação. Na continuação do "Hino da Pérola", a alma recebe uma carta de seu real pai, por um mensageiro que interrompe o sono no qual ela caíra. A alma lembra-se de sua natureza, das instruções que lhe foram dadas, e parte em busca da Pérola. A serpente é vencida e a alma ascende ao reino dos céus, onde retoma o traje de luz com o qual se vestia originalmente.

O destino da alma no mundo é manifestado como "dormência", "sono", "embriaguez", e é necessária a convocação divina para despertá-la de seu sono pesado. No Evangelho Gnóstico, segundo São Tomé, Cristo é mostrado lamentando a embriaguez humana:

Jesus disse: Tomei meu lugar em meio ao mundo e apareci-lhes em carne e osso; encontrei-os todos embriagados, não

encontrei nenhum deles com sede. E minha alma afligiu-se pelos filhos do homem, pois são cegos em seus corações e não vêem que vazios vieram ao mundo (e que) vazios buscam tornar a sair do mundo. Mas agora estão bêbados. Quando se livrarem de seu vinho, irão se arrepende-

A alma ficou presa em sua prisão, criada por anjos "muito inferiores ao Pai não-concebido". Esta idéia é ampliada em alguns sistemas gnósticos num elaborado esquema de sucessivas emanções da divindade, cada estágio da criação dando origem a outro e governado por um Arconte. O mundo como o homem o vê é criado por um grande Arconte, que se julga autogerado, e que não deve sua existência ao Poder Absoluto do qual tudo se origina. Embora esta idéia fosse às vezes elaborada num completo dualismo, sob influência persa — a simples oposição de poderes bons e maus — a posição gnóstica em geral sustenta que o mundo material é indiretamente uma criação divina, embora através de anjos inferiores. Isto significa que a situação da humanidade resulta de uma falha da Divindade, que alguma coisa saiu errada no universo.

O Sistema de Valentinus

O supremo expoente dessa visão trágica do universo é Valentinus, que nasceu no Egito e ensinou em Roma entre 135 e 160 D.C. Ele buscou localizar a origem da matéria e do mal dentro da própria Divindade. Sua doutrina da Criação começa como o perfeito Éon original, cujo nome é "Antecomeço, Antepai e Abismo". O Antepai lançou de si uma semente no útero do Silêncio, e disso nasceu o Nous (Inteligência) e a Verdade. Estes são respectivamente macho e fêmea. Compõem a primeira Triade, e dela emanam outras triades, grupos de três forças. Do Nous — também chamado de "Único-Concebido" — e de sua consorte Verdade, surgem o Mundo e a Vida, que deram origem ao